

**Universidade de Brasília**  
**Faculdade de Comunicação**  
**Departamento de Jornalismo**

## **Silenciado pelo destino**

Perfil do grafiteiro surdo Odrus

Luana Pereira Silva

BRASÍLIA

2017

LUANA PEREIRA SILVA

## **Silenciado pelo destino**

Perfil do grafiteiro surdo Odrus

Memorial descritivo do produto apresentado à  
Universidade de Brasília como requisito parcial para  
obtenção do título de Bacharel em Comunicação  
Social com habilitação em Jornalismo

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador

Prof. Dr. Paulo Roberto Assis Paniago (FAC/UnB)

---

Examinadora

Professora Dra. Dione Oliveira Moura (FAC/UnB)

---

Examinadora

Professora Dra. Márcia Marques (FAC/UnB)

Brasília (DF), \_\_\_\_\_ de agosto de 2017

## **AGRADECIMENTOS**

“A vida é desafio”, já diz a letra homônima de uma música conhecida no rap nacional, da banda Racionais mc. Minha passagem pela Universidade de Brasília, a primeira da minha família a adentrar em uma universidade pública, foi repleta de contradições, que envolviam sentimentos de amor e ódio pela instituição e modelo educacional. Agradeço à pessoa que me deu forças para persistir na busca pelos sonhos, minha mãe Francisca Pereira Silva, que viveu comigo o emagrecimento causado pela rotina, as crises de ansiedade por causa do acúmulo de tarefas, as crises de pânico que permeavam o convívio social.

Às pessoas que me inspiraram dentro do ambiente acadêmico e com quem pude aprender, acima dos conteúdos programáticos, valores humanos: a professora Dione Moura, minha orientadora desde o primeiro semestre de universidade, no Jovens Talentos e Pibic afora, o professor Leonardo Ortegal, do Departamento de Ciências Sociais, mais que professor um amigo que me mostrou como sobreviver na selva institucional da universidade, os professores Pedro Russi, Márcia Marques e Edileuza Penha que conseguiram quebrar a dureza do currículo universitário e me ensinar conteúdos que levarei para a vida.

Ao meu professor orientador Paulo Paniago, que com paciência e sutileza me guiou sabiamente na produção deste trabalho. Sou grata pela parceria.

Agradeço também a todos os meus familiares e amigos, que colaboraram na construção da pessoa que sou hoje, alguém de quem tenho orgulho e respeito. Ao meu pai, Odesvaldo Pereira da Silva, às minhas irmãs, Bruna, Rosane, Regina e Renata, à minha avó e inspiração de vida Celina Procópio, aos meus sobrinhos Vinícius e Cainã.

Este trabalho não seria possível sem o ânimo e empenho em ver o resultado do perfilado Rafael Caldeira dos Santos, grande Odrus, que com a arte que produz e trajetória me mostrou que com esforço e paciência nada é impossível para nós, e para

Deus. Muito obrigada pela colaboração e coragem de expor a vida para o mundo. Máximo respeito.

Grata pela contribuição de Zinólia Caldeira, Giuseppe Rinald (Padre José), Danieli Caldeira e Célia Regina Vitaliano, que todas as portas que baterem se abram para vocês.

E por último, muito obrigada Universidade de Brasília (UnB) por todos os desafios a mim impostos, sementes para o meu fortalecimento pessoal e formação enquanto mulher negra, mãe jovem, que sabe de onde veio e para onde vai. Afinal, é a chuva que faz as flores que crescerem.

## **Resumo**

Este memorial descritivo discorre a respeito do processo de construção do produto *Silenciado pelo destino*, perfil jornalístico que tem o intuito de contar a história de Rafael Caldeira dos Santos, conhecido como Odrus, grafiteiro do Distrito Federal que é surdo. O perfil resgata aspectos da história do artista, como relatos de assaltos, o encontro com a arte, a cultura surda e inclusão social.

**Palavras-chave:** jornalismo, perfil biográfico, grafite, surdo, inclusão social, Odrus

## SUMÁRIO

1	.
Apresentação.....	
..6	
2	.
Justificativa.....	
.7	
3	.
Objetivo.....	
.9	
4 .	<b>P r o b l e m a</b>
Pesquisa.....	<b>d e</b>
	<b>10</b>
5 .	<b>R e f e r e n c i a l</b>
Teórico.....	<b>11</b>
5 . 1	<b>J o r n a l i s m o</b>

Literário.....	11
5.2	Perfil
Jornalístico.....	12
5.3	O Real e o
Literário.....	13
5.4	Cultura
Surda.....	14
5.5	Karin Strobela história
surda.....	15
6	.
Metodologia.....	
17	
6	1
Produto.....	
17	
6.2Entrevistas.....	
...18	
7.	Considerações
Finais.....	19
8.	Referências
bibliográficas.....	20

## 1. Apresentação

Este trabalho é um memorial descritivo que discorre sobre a produção do perfil jornalístico *Silenciado pelo destino*. O perfilado é Rafael Caldeira dos Santos, grafiteiro surdo, conhecido como Odrus, que revela as histórias que vivenciou neste produto. Memórias que envolvem dificuldade de comunicação (e as subversões), problemas educacionais, o contexto pobre e periférico, envolvimento com crimes, internações em unidades socioeducativas e o encontro com a arte.

O trabalho está dividido em sete partes, incluindo esta apresentação.

No capítulo “Justificativa” explico por quê decidi realizar o perfil e passar pelo processo de imersão sobre o tema. Esmiúço as motivações para a criação do trabalho. Questiono o por quê de pouco saber sobre a cultura surda que convive conosco lado a lado e como as políticas públicas poderiam efetivamente ajudá-la.

Em “Objetivo” esclareço o que pretende o produto realizar ou impactar. Uma das realizações é colaborar com as pesquisas sobre pessoas que possuem deficiência, principalmente as que integram a comunidade surda.

Em seguida, o capítulo “Problema de Pesquisa” que apresenta a discussão que o trabalho levanta.

Depois, o capítulo “Referencial Teórico” que evidencia os estudos que a pesquisa fez para a produção do perfil. Os temas e leituras indicados. Como informações sobre jornalismo literário, perfil e cultura surda.

Em “Metodologia” é explicado em que condições realizou-se o trabalho e como ele foi feito. Como as pesquisas se deram, as entrevistas e o tempo de produção.

Em “Considerações Finais” discorro sobre o que levo desta experiência de ter produzido o perfil jornalístico de Odrus.

## **2. Justificativa**

Conhecer Rafael Caldeira dos Santos, Odrus, e ter contato com a cultura surda do Distrito Federal, por meio dos amigos e histórias, despertou em mim um interesse pelas peculiaridades que se apresentavam diante de meus olhos. Enquanto ouvinte, pouco sabia sobre a cultura surda. Esta revelação foi o impulso que precisei para aprofundar meus estudos e pesquisas sobre o tema e me apaixonar cada vez mais com os detalhes que descobria.

A cultura surda, uma cultura primordialmente visual, alterou a forma como via o mundo ao me aproximar dela. Arrisco afirmar que minha visão de mundo mudou. Passei a dar especial atenção à expressão corporal das pessoas com quem converso. O corpo também comunica. As mudanças nas linhas faciais, nas pernas e mãos. Me tornei mais observadora, mais visual.

Libras é a segunda língua oficial do Brasil, por isso ansiei desvendar quais são as peculiaridades dessa comunidade, que está ao meu lado, e que não poderia deixar de ser explorada. Os surdos são meus vizinhos, familiares, conhecidos, pessoas que encontro no ônibus. A visão centrada que dava ao meu mundo me faz não ver os outros que estão próximos.

Ter encontrado na figura de Odrus um personagem que unia duas paixões foi o que me instigou a produzir o trabalho. Uma pessoa surda que encontrou na arte perspectivas de inclusão. A cultura urbana do Distrito Federal que é embelezada com os muros coloridos dos grafites. Quem são os artistas que estão por trás deste movimento? Como a pessoa surda se sente diante da produção cultural da região onde mora? Sentem-



se agentes produtores e valorizados dentro deste processo? Como as políticas públicas os ajudam?

A pesquisadora surda Karin Strobel afirma no texto *História da educação de surdos*, publicado em 2009 pela Universidade Federal de Santa Catarina (ufsc), que conhecer a história das pessoas surdas não proporciona apenas a ocasião para adquirir conhecimentos, mas também para refletir e questionar diversos acontecimentos relacionados com a educação brasileira em várias épocas. Por exemplo, por que atualmente, apesar de se ter políticas de inclusão, o sujeito surdo continua excluído?

Movida por estas questões decidi que precisava das respostas e aqui está o trabalho que fiz como tentativa de trazer um pouco de luz para a cultura surda do Distrito Federal, na imagem de Rafael, Odrus. A riqueza que envolve a vida comum sempre foi algo que me interessou. O ser humano, qualquer ser humano, tem potencial para a complexidade, ao jornalista cabe desenvolver os dispositivos certos para captá-la. As pessoas que possuem deficiência geralmente são pouco ou mal abordadas pelos meios jornalísticos, como aponta Fernando Saker, na pesquisa *Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação*, de 2010.

As reportagens apresentadas não parecem mostrar uma intenção, por parte dos jornalistas brasileiros, de estigmatizar as pessoas com deficiência. A reprodução dos estigmas não parece ser intencional, e sim algo inconsciente, já enraizado na sociedade como algo comum, uma parte da ideologia social dominante.

Como afirma Saker, há uma comunicação inclusiva de fato quando todos os setores sociais têm a possibilidade de se expressar pelos meios de comunicação e se ver neles representados. Ao buscar essa possibilidade, decidi realizar o perfil *Silenciado pelo destino*.

### **3. Objetivo**

Pessoas que possuem deficiência ainda são marginalizadas, tratadas como incapazes ou inferiores, como afirma Ana Maria Pereira, no estudo *Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista* (pereira, 2008, p. 12). O objetivo deste trabalho é mostrar, por meio do perfil jornalístico, que pessoas surdas estudam, trabalham, socializam, fazem pesquisa, arte, e uma série de atividades que pessoas ouvintes também realizam. Apesar de serem diferentes, por apresentarem peculiaridades, são totalmente capazes de sonhar, conquistar, construir famílias e serem humanizadas como deveriam. No livro *Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência - versão comentada*, de 2008, Ana Paula Resende e Flávia Vital

comentam sobre a importância de desvincular a deficiência da visão exclusiva de doença ou incapacidade. O objetivo é alterar este estigma para a concepção de diferenças físicas e socioculturais, que traduzem a diversidade humana que compõe o mundo.

Esta concepção traduz a noção de que a pessoa, antes de sua deficiência, é o principal foco a ser observado e valorizado, assim como sua real capacidade de ser o agente ativo de suas escolhas, decisões e determinações sobre sua própria vida. Portanto, a pessoa com deficiência, é, antes de mais nada, uma pessoa com uma história de vida que lhe confere a realidade de possuir uma deficiência, além de outras experiências de vida, como estrutura familiar, contexto sociocultural e nível econômico (resende;vital, 2008, p. 25).

Com base nos estudos da *Convenção*, me senti compelida a fazer um perfil jornalístico em que a personagem, uma pessoa surda, é tratada de forma humanizada, respeitosa, através da própria história de vida, fugindo de esteriótipos e preconceitos. Objetivo do perfil produzido.

#### **4. Problema de Pesquisa**

Ao refletir sobre o olhar do outro sobre algo do qual não pertence, me deparei com o problema desta pesquisa. Posso contar a história de Odrus mas não consigo compreendê-lo com profundidade por não passar pelas experiências que passou. A função do jornalista enquanto compartilhador de histórias é desafiadora e limitada, conseguimos alcançar o que nossa própria bagagem pessoal nos permite. Como humanizar a vivência

de uma cultura da qual eu, enquanto jornalista, não faço parte?

## **5. Referencial Teórico**

### **5.1 Jornalismo Literário**

A união entre jornalismo e literatura é antiga, data de meados de 1830 com a criação do folhetim. Gênero criado para agrupar as duas atividades, de acordo com uma

lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante, de acordo com Felipe Pena (2006, p.29).

Contudo, o marco histórico do embrião é o chamado Novo Jornalismo, criado em 1960 quando profissionais de imprensa norte-americanos decidiram mudar as caras do jornalismo. De acordo com Wolfe (apud Felipe Pena, 2006, p. 54), “evitar o aborrecido tom bege pálido dos relatórios que caracteriza a tal ‘imprensa objetiva’”. Para ele, os repórteres deveriam ser mais subjetivos, ter personalidade, mesmo sendo “escravos do manual da redação” (apud Felipe Pena, 2006, p. 54).

## **5.2 Perfil jornalístico**

O perfil, enquanto gênero jornalístico, foi desenvolvido pela revista *The New Yorker*, na qual a denominação apareceu pela primeira vez em 1927, como nome de uma nova editoria da revista, que fora fundada dois anos antes.

No Brasil, a revista *Realidade*, lançada pela Editora Abril em 1966, chamou atenção pela qualidade dos perfis e outros textos em estilo literário, publicados principalmente em seu período memorável, entre 1966 e 1968.

Vilas Boas (2002, p.93) define perfil como texto biográfico curto, também chamado *short-term biography*, publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. Tais episódios e circunstâncias combinam-se, na medida do possível, com entrevistas de opinião, descrições (de espaço físico, épocas, feições, comportamentos, intimidades etc.) e caracterizações a partir do que o personagem revela (às vezes sem dizer).

O professor e jornalista Felipe Pena, no livro *Jornalismo literário* (2011), apresenta outras características a respeito do gênero. De acordo com ele, jornalismo literário significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (pena, 2011, p. 13)

### 5.3 O real e o literário

O charme que o perfil jornalístico apresenta é a possibilidade de noticiar o real por meio de técnicas literárias. Utilizar a narrativa e criação de personagens reais, não ficcionais, para fazer um produto fruto da janela de notícias. Além da possibilidade de produzir algo duradouro, que não morre com o valor notícia.

Paulo Paniago (2008), em sua tese de doutorado intitulada *Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade* aponta que

O perfil de alguém é a possibilidade, para jornalistas, de se concentrar em algo que pertence, de modo geral, ao reino da literatura: a condução da narrativa por meio do personagem. Os desdobramentos da história são interessantes por conta da existência de um ser humano — ficcional, no caso da literatura; real, no que diz respeito ao jornalismo — que conduz a história. (paniago, 2008, p. 39)

O perfil é uma narrativa não-ficcional, mas a vida que se coloca no papel é realmente a vida da pessoa abordada ou apenas o olhar do jornalista sobre aquela pessoa? Ao decorrer das entrevistas e escritas sobre a vida de Rafael Caldeira me deparei com esta questão. Este personagem representa fielmente Odrus? Luiz Viana Filho discute esta questão, além das diferenças entre perfil e biografia no livro *A verdade na biografia*, publicado em 1945 pela editora Civilização Brasileira.

O biógrafo jamais conseguirá sair do seu trabalho com a satisfação dum matemático, que acaba de resolver uma equação e está seguro da exatidão dos resultados. Para ele, restará sempre margem de erro e de dúvida, consequência da nossa capacidade de discernir e destrinchar o que há de complexo em qualquer existência. No estágio atual do conhecimento humano, poucas coisas poderiam ser tão jactanciosas, e por isso mesmo ridículas, quanto um biógrafo pretender haver escrito a “vida verdadeira” de alguém. Evidentemente, poderá fazê-lo, mas jamais poderá ter a certeza plena de o haver conseguido. Afirmar, portanto, que alcançar aquela meta seria apenas impostura. (viana filho, 1945, p.53-54 e 57)

De acordo com o autor, a vida não é tão consistente como se deseja, como talvez a ficção deva ser. Contradizemos a nós mesmos e somos seres ambivalentes. Quando se aproxima tanto quanto possível do caráter, da personalidade e da natureza do temperamento e do gênio da pessoa abordada, consegue escrever o tipo de texto que mais

se aproxima da verdade da vida da pessoa representada.

#### **5.4 Cultura surda**

Para as pesquisas sobre a cultura surda considere importante buscar autores próprios desta comunidade para legitimar o local de fala tão necessário para uma possível representatividade do grupo. Utilizei como base os escritos da pesquisadora surda Karin Strobel, principalmente o estudo *História da educação de surdos*, publicado em 2009 pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nele, Strobel aborda um pouco da história cultural dos surdos no mundo e no Brasil, e as características entre o ser surdo e o ser ouvinte. Importante para a visão que passei a ter de Rafael Caldeira e como captar as particularidades para o perfil.

Os povos surdos não são obrigados a ter normalidade. A máscara não esconde o ser que é surdo, o ser surdo que é humano... Quando a sociedade deixa o surdo ser ele mesmo, carece tirar as máscaras e assim chega o momento de o povo surdo enfrentar a prática ouvintista, resgatar-se e transformar-se no que é de direito: partes de nós mesmos, de termos orgulho de ser surdo! (strobel, 2009)

O Estatuto da Pessoa com Deficiência é base para qualquer abordagem que trate do assunto. A Lei 13.146 conceitua o que é deficiência, quais são os tipos existentes, como as pessoas que as têm devem ser tratadas, quais as políticas públicas necessárias e os direitos que possuem. O estudo *Surdez e deficiência auditiva, qual a diferença*, de Cláudia A. Bisol e Carla Beatris Valentini, publicado em 2011 pela Universidade de Caxias do Sul, aborda a relevante diferença entre surdez e deficiência auditiva, que trataremos neste trabalho e é essencial para a quebra dos estereótipos.

O artigo segundo do Estatuto da Pessoa com Deficiência define pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva no meio social em igualdade de condições com as demais



pessoas (p.21). O artigo quarto considera deficiência auditiva como a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz (p.22). O ser humano com boa audição pode escutar entre 20 e 20.000 Hz.

### **5.5 Karin Strobel e a história surda**

Karin Strobel, formada em pedagogia e doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (ufsc), escreveu o texto *História da educação de surdos*, publicado em 2009 pela Universidade Federal de Santa Catarina. Nele aborda a importância do conceito de história para os povos e por que é tão importante estudá-la a partir das perspectivas culturais. “O estudo do passado é importante para entendermos a situação atual. O estudo do passado nos ajuda a compreender o presente” (strobel, 2009).

A autora define povo surdo como um grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, que constrói sua concepção de mundo através da visão. A comunidade surda na verdade não é só de surdos, abriga também sujeitos ouvintes considerados integrantes, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns (como a luta e militância surda).

Para conhecer e pesquisar os fatos históricos precisa-se recuperar marcas ou vestígios deixados pelos homens no passado, estes vestígios Strobel chama de *Fontes históricas*. A palavra fonte significa o ponto de origem, o lugar onde brota, algo que se projeta e se desenvolve indefinida e inesgotavelmente, no caso da história. São construídas, isto é, são produções humanas. O historiador Dermeval Saviani (2004, p.6-7) explica que as fontes podem ser documentos, vestígios, indícios que foram se acumulando ou sendo guardados, aos quais são recorridos quando se busca compreender determinado fenômeno. Pode ser o empenho em preservar os materiais de que se serve,

seja como educadores, seja como pesquisadores, tendo em vista a possível importância para estudos futuros quando esses materiais serão, eventualmente, tomados como preciosas fontes pelos historiadores em sua busca de compreender o seu passado que é o nosso presente.

Dentre as fontes históricas estão os registros que são efetuados quando se recorre, por exemplo, a testemunhos orais. Na história, as fontes históricas podem ser fontes mudas que são esqueletos, utensílios, armas, pinturas, túmulos, restos de habitações, monumentos, templos, palácios, estátuas, esculturas, cerâmicas e outros. Fontes escritas que podem ser inscrições em pedras, em moedas, em metais e textos de papiro, pergaminho, barro, arquivos, diários, livros, documentos, jornais, revistas e panfletos. E existem as fontes narradas que são as lendas, línguas, tradições e culturas das comunidades que são passadas de geração a geração através de narrativas.

No texto *História da educação de surdos*, a pesquisadora Karin Strobel afirma a importância das narrativas de construção da história cultural do povo surdo: “Há escassez de história cultural de surdos, justamente por falta de registros, porque por muitas gerações os povos surdos fazem narrativas não escritas de suas vidas, contam as tradições culturais que integraram em suas comunidades surdas através de língua de sinais”.

No estudo, Strobel (2009) aponta que a história oral faz parte da cultura surda mas que é preciso reforçar os registros dos acontecimentos, situações ocorridas com as comunidades surdas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história cultural que permitam compreender como sujeitos experimentaram e interpretam os modos de vida desta cultura. Isso torna o estudo da história mais real e próximo, facilitando o registro do passado e a compreensão pelas gerações futuras das experiências vividas por sujeitos. “As narrativas de povo surdo são usadas como fontes para a compreensão da história cultural de surdos” (strobel, 2009).

## **6. Metodologia**

### **6.1 Produto**

A ideia de produzir um perfil jornalístico surgiu da possibilidade de criar um produto que fizesse parte do campo do jornalismo mas que também flertasse com a literatura. A oportunidade de visibilizar interessantes histórias reais daqueles que compõem a cultura do local onde se mora. Escrever um perfil pareceu ser a oportunidade perfeita para isso.

A produção do trabalho se deu de março a maio de 2017. A apuração ocorreu concomitantemente à escrita do texto. Gravava as entrevistas, transcrevia-as e escrevia os tópicos do perfil. Informações importantes surgiam ao decorrer da apuração, como entrevista com familiar (por exemplo), que me obrigava a voltar ao texto e modificá-lo. Por isso, passou por várias edições. Principalmente, todas as semanas com as correções apontadas pelo orientador do trabalho.

## **6.2 Entrevistas**

De acordo com Cremilda Medina (2008) há três ingredientes que enriquecem o comportamento do jornalista ao fazer entrevistas. A pré-pauta, é considerada o primeiro. Momento em que o entrevistador se debruça sobre o tema. Desenvolve o assunto, antecedentes, implicações, ângulos exploráveis e possíveis implicações. Neste estágio inicial, pesquisei na internet, jornais e revistas, informações sobre a vida do perfilado, Rafael Caldeira dos Santos, a buscar possíveis elementos úteis à minha produção. Também iniciei as conversas de modo informal com o personagem e conhecidos para reunir elementos que sustentassem a possível criação de um perfil.

O segundo ingrediente citado por Medina é a contextualização do tema. Cabe ao

entrevistador se inteirar do assunto. Ter uma visão do aspecto social, político, econômico, sensibilidade e conhecimentos acerca dos fatos culturais que envolvem o personagem. No caso, fiz pesquisas sobre cultura surda e grafite.

O terceiro elemento é a personalidade dialógica do entrevistador, em contraposição à monológica típica de questionários. Desenvolver o encadeamento de perguntas, interferências, interrupções, reorientações no discurso do entrevistado é, segundo Medina (2008), demonstração de desempenho maduro do repórter.

Para a produção do perfil, realizei uma série de entrevistas com Rafael, em minha casa e em outros espaços, como o Museu Nacional da República. Algumas entrevistas foram filmadas, mas não todas, por causa do esgotamento da memória do meu celular. Consistiam em diálogos longos que exploravam as memórias do perfilado e possíveis sensações.

Pela diferença linguística, tive que me desdobrar em vários momentos para expressar em libras o que pretendia dizer em português. A língua do personagem nem sempre possui sinais correspondentes às palavras da nossa. Para traduzir para o português, tive que adaptar as sequências gramaticais da libras para a língua, assim como geralmente ocorre nas traduções.

Também entrevistei Zinha Caldeira, mãe do perfilado, Giuseppe Rinaldi, diretor do Centro Educacional de Educação e Linguagem Ludovico Pavoni (Ceal), ambas registradas em gravador de celular. A conversa com a especialista em educação inclusiva Célia Regina Vitaliano se deu por e-mail.

Medina (2008) encara a entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível. Recomenda que é preciso o repórter demonstrar, neste momento, respeito e curiosidade genuínas, para um possível desbloqueio e desarmamento dos personagens que podem revelar histórias e intimidades.

## **7. Considerações Finais**

Ter realizado este produto abriu os meus olhos para as riquezas que a cultura surda possui. Falar libras foi um aspecto essencial para a realização das entrevistas e

aprofundamento das discussões com o perfilado por meio de diálogos diretos, repórter-entrevistador. Caso tivesse utilizado intérprete, acredito que a entrevista feita com intermediários não desvendaria tantos aspectos da história como ocorreu e a fidelidade do diálogo se perderia na tradução.

Uma questão que me preocupou foi em relação às adaptações gramaticais necessárias para a tradução da libras para o português. É desafiador interpretar a sequência de sinais em um padrão linguístico completamente diferente sem perder a fidelidade e essencial do conteúdo exposto.

Com a finalização do perfil, me interessei em aprofundar meus estudos sobre a comunidade surda, principalmente em relação à arte produzida por ela. Pretendo ir atrás de histórias do povo surdo, os méritos e trajetórias, para colaborar, um pouco que seja, com o registro das vivências que compõem esta cultura tão rica que acredito que precisa ser mais valorizada. Gerar visibilidade, ampliar discussões para que, quem sabe, as políticas públicas melhorem e os ideais de inclusão realmente se efetivem.

No início, duvidei das minhas capacidades literárias, mas aprendi que com esforço e comprometimento consegui alcançar meus objetivos e me surpreender com os resultados. Me apaixonei por perfis no processo e com a possibilidade de revelar histórias fantásticas e contribuir com a produção cultural da região em que moramos com o gênero.

## **8. Referências bibliográficas**

## **Livros**

le goff, Jacques. **História e memória**. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da unicamp, 2003.

medina, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 4ª edição. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004.

paniago, Paulo. **Um retrato interior: O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Brasília, DF. Tese de doutorado, UnB. 2008.

pena, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

pereira, Ana M. B. Albergaria. **Viagem ao interior da sombra: deficiência, doença crônica e invisibilidade numa sociedade capacitista**. Coimbra: Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, 2008.

perlin, Gladis. **Identidades surdas**. In: **A surdez: um olhar sobre a diferença**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51-74.

resende, Ana P. C. e vital, Flavia M. P. **Convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**, Brasília: Corde, 2008, p. 25.

saker, Fernando A. Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência: Construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação**. São Paulo, Dissertação de mestrado, Faculdade Cásper Líbero, 2010.

sasaki, Romeu K. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. In: **Mídia e deficiência**. Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância / Fundação Banco do Brasil, 2003, p. 160-165.

saviani, Dermeval. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

stobel, Karin L. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. Educação temática digital. v. 7, n. 2, 2006. p. 244-252.

\_\_\_\_\_. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da ufsc, 2008.

\_\_\_\_\_. **História da educação de surdos**. Florianópolis: Ed. da ufsc, 2009.

talese, Gay. **Fama e anonimato**. 2ª edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004

viana filho Luiz. **A verdade na biografia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1945.

vicchiatti, Carlos Alberto. **Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social**. 1ª edição. São Paulo, SP: Paulus, 2005.

villas boas, Sérgio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo, SP: Editora unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. **Biografias & biografos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo, SP: Summus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo, SP: Summus, 2003.

## Artigos

alcuri, Gabriela e menezes, Pedro. **Composição da voz: A construção do personagem em Frank Sinatra está resfriado**, de Gay Talese. Brasília, DF. Monografia de Graduação. UnB, 2013.

bisol, C. A. e valentini, C. B. **Surdez e deficiência auditiva: qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir**. Ucs/fapergs, 2011. Disponível em <[http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA\\_SURDEZ\\_Surdez\\_X\\_Def\\_Audit\\_Texto.pdf](http://www.grupoelri.com.br/Incluir/downloads/OA_SURDEZ_Surdez_X_Def_Audit_Texto.pdf)>. Acessado em 11/06/2017.>.

de tassis, Nicoli Glória. **Imprensa brasileira: a intertextualidade entre o jornalismo e a literatura**. Revista de Estudos da Comunicação, puc-pr, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/comunicacao?dd1=1762&dd99=view&dd98=pb>>.

machado, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão: um olhar do egresso surdo**. Florianópolis: Ed. da ufsc, 2008.

mello, Anahi Guedes de. **Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica**. Comitê de Ética em Pesquisa da ufsc, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>>. Acesso em: 11/06/2017.

scoralick, Kelly. **Mídia e cidadania: a representação das pessoas com deficiências no telejornalismo**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

## Internet



adichie, Chimamanda. **Os perigos de uma história única.** Palestra do ted. Youtube, 19 maio 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>.